

**MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA**



**INFANTARIA DA
AERONÁUTICA**

MCA 125-23

ATIRADOR TÁTICO DE PRECISÃO

2022

MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA
COMANDO DE PREPARO



INFANTARIA DA
AERONÁUTICA

MCA 125-23

ATIRADOR TÁTICO DE PRECISÃO

2022



MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA
COMANDO DE PREPARO

PORTARIA COMPREP Nº 746/SPOG-33, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2022.
Protocolo COMAER nº 67200.000719/2022-89

Aprova o MCA 125-23 “ATIRADOR
TÁTICO DE PRECISÃO”.

O COMANDANTE DO COMPREP, no uso de suas atribuições e de acordo com o Artigo 9º, inciso I do ROCA 20-13, "Regulamento do Comando de Preparo", aprovado pela Portaria nº 1.799/GC3, de 7 de novembro de 2018, publicada no Boletim do Comando da Aeronáutica nº 198, de 13 de novembro de 2018, resolve:

Art. 1º Aprovar o MCA 125-23 “Atirador Tático de Precisão”, que com esta baixa.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Ten Brig Ar SERGIO ROBERTO DE ALMEIDA
Cmt do COMPREP

Asas que protegem o País



(Publicado no BCA nº 029, de 10 de fevereiro de 2022)

SUMÁRIO

1	DISPOSIÇÕES PRELIMINARES	9
1.1	<u>FINALIDADE</u>	9
1.2	<u>ÂMBITO</u>	9
1.3	<u>CONCEITUAÇÕES</u>	9
1.4	<u>ATIRADOR DE ELITE</u>	9
1.5	<u>ATIRADOR TÁTICO DE PRECISÃO (ATP)</u>	9
1.6	<u>CRISE NA SEGURANÇA (CRI SEG)</u>	9
1.7	<u>FRANCO-ATIRADOR</u>	9
1.8	<u>GERENCIAMENTO DE CRISES NA SEGURANÇA</u>	9
1.9	<u>SISTEMA ATP</u>	10
2	DOUTRINA DE EMPREGO	11
2.1	<u>PREMISSAS BÁSICAS</u>	11
2.2	<u>ATRIBUIÇÕES DOS ATIRADORES TÁTICOS DE PRECISÃO</u>	12
2.3	<u>PONTOS FORTES DO EMPREGO DE ATIRADORES TÁTICOS DE PRECISÃO</u>	13
2.4	<u>AMEAÇAS</u>	14
2.5	<u>ORGANIZAÇÃO DOS ATIRADORES TÁTICOS DE PRECISÃO</u>	14
2.6	<u>O FUZIL DE PRECISÃO E A LUNETAS</u>	15
2.7	<u>A MUNIÇÃO</u>	16
2.8	<u>CONTROLADOR DE EQUIPES DE ATIRADORES</u>	16
2.10	<u>TREINAMENTO E MANUTENÇÃO OPERACIONAL</u>	17
3	EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE.....	18
3.1	<u>EMPREGO DO ATP NA ÁREA DE SEGURANÇA</u>	18
3.2	<u>EMPREGO DO ATP NA ÁREA DE DEFESA AVANÇADA</u>	19
3.3	<u>EMPREGO DO ATP NA ÁREA DE DEFESA APROXIMADA</u>	20
3.4	<u>EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE POLÍCIA DA AERONÁUTICA</u>	20
3.5	<u>EMPREGO DO ATP NO CONTROLE DE DISTÚRBIOS</u>	21
3.6	<u>EMPREGO DO ATP NA SEGURANÇA DE AUTORIDADES</u>	21
3.7	<u>EMPREGO DO ATP EM CRISES NA SEGURANÇA</u>	21
4	EMPREGO DO ATP NAS OPERAÇÕES ESPECIAIS (OP ESP)	23
4.1	<u>EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE RECONHECIMENTO ESPECIAL</u>	23
4.2	<u>EMPREGO DO ATP NAS AÇÕES DIRETAS</u>	23
4.3	<u>EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE CONTRATERRORISMO</u>	23
5	EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE BUSCA E SALVAMENTO EM COMBATE (CSAR).....	25
6	DISPOSIÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

PREFÁCIO

O emprego de Atiradores de Precisão ao longo dos anos tem-se tornado cada vez mais importante para a obtenção de superioridade nas operações militares, sendo na ofensiva ou defensiva, sendo de suma importância nas diversas possibilidades de emprego das tropas terrestres de qualquer força armada.

A presença de um Atirador de Precisão nas tropas vai além de sua capacidade operacional de efetuar tiros precisos a longas distâncias, sendo este uma ferramenta dissuasória e que produz efeito psicológico de interesse nas tropas inimigas.

Este Manual aborda a doutrina de emprego dos Atiradores de Precisão no âmbito do COMAER, evidenciando sua atuação em cumprimento das Ações de Força Aérea por parte das Unidades de Infantaria.

O planejamento e atuação de Atiradores de Precisão se revestem de grande complexidade. Assim sendo, este Manual deve ser entendido como um orientador das linhas gerais a serem tomadas pelos responsáveis, de todas as esferas, por essa capacidade, devendo ser alvo de constante consulta e revisão por parte dos militares com essa competência.

1 DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 FINALIDADE

O presente manual tem a finalidade regular os procedimentos a serem adotados para o preparo e emprego do atirador de precisão em apoio às ações de Força Aérea atribuídas à tropa de Infantaria da Aeronáutica.

1.2 ÂMBITO

Este Manual aplica-se a todas as OM do COMAER que possuam a responsabilidade de preparar atiradores de precisão, bem como àquelas que tenham a possibilidade de empregá-los no cumprimento das missões recebidas, sejam atiradores orgânicos ou adjudicados.

1.3 CONCEITUAÇÕES

A interpretação do significado da terminologia empregada deve ser feita de acordo com o consagrado no vernáculo, na DCA 1-1 Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira, no MD35-G-01 Glossário das Forças Armadas, no MCA 10-4 Glossário da Aeronáutica ou como definido a seguir:

1.4 ATIRADOR DE ELITE

Qualquer militar que utiliza uma arma longa com proficiência acima da média. Também é conhecido como “atirador de escol”.

1.5 ATIRADOR TÁTICO DE PRECISÃO (ATP)

Militar com a competência e missão de realizar disparos de fuzil com precisão a maiores distâncias. Essa competência é adquirida com formação e preparo técnico especializados, bem como uso de equipamentos específicos. Também conhecido é como “*sniper*”.

1.6 CRISE NA SEGURANÇA (CRI SEG)

Condição decorrente de um ato hostil já deflagrado, em que haja grave risco à vida humana ou potencial dano a meios do COMAER e que a solução possa exigir o emprego de técnicas, táticas, procedimentos, armamentos e equipamentos que fujam à capacidade das Equipes de Serviço.

1.7 FRANCO-ATIRADOR

Atirador independente que faz uso de arma longa e utiliza técnicas, táticas e procedimentos (TTP) parecidos com os utilizados pelos ATP, mas não representa oficialmente nenhum Estado ou instituição e que atua por razões particulares em ações criminosas.

1.8 GERENCIAMENTO DE CRISES NA SEGURANÇA

Resposta a uma Crise na Segurança, com o emprego de tropas especializadas, suporte extraordinário e unidade de comando, visando a salvar vidas, aplicar as leis e preservar a imagem institucional do COMAER. Em geral, exige a instalação de um Gabinete

de Gerenciamento de Crises para a tomada de decisões e interação com o ambiente interno e externo da ocorrência. As opções táticas para a resolução aceitável do problema são a negociação, o uso de meios/armamentos menos letais, a intervenção tática e o uso do tiro de precisão.

1.9 SISTEMA ATP

O Sistema ATP ou Sistema *Sniper*, é a harmonização de quatro elementos: o ATP, o fuzil, a luneta e a munição. Esse sistema deverá ser composto de forma adequada para cada tipo de missão. Um atirador adestrado, um fuzil de qualidade, uma luneta aferida e uma munição adequada para cada distância, condições de tiro e necessidade de precisão, levam ao sucesso em apenas um disparo.

2 DOUTRINA DE EMPREGO

2.1 PREMISSAS BÁSICAS

2.1.1 O ATP é um militar selecionado, preparado e equipado para neutralizar alvos, humanos e materiais, em prol dos interesses do COMAER, em especial no cumprimento das Ações de Força Aérea ligadas às Tarefas de Proteção da Força e de Controle Aeroespacial.



Figura 1 – ATP com camuflagem específica

2.1.2 Para ser capacitado ATP, o militar deverá realizar o Curso de Tiro Tático de Precisão (CTTP), gerenciado pelo Comando de Preparo, ou curso similar de outras Forças Singulares, nacionais ou estrangeiras, reconhecido e autorizado pelo COMPREP.

2.1.3 O ATP trabalha sempre em dupla, em regime de revezamento na função de sniper e observador. Para tanto, os dois militares devem possuir a mesma capacitação.

2.1.4 A dupla de ATP pode atuar de forma autônoma dentro de uma missão, com autorização de neutralizar os alvos de oportunidade que surjam no cenário. Ou, ainda, somente após autorização expressa para disparar contra cada alvo selecionado pelo escalão superior.

2.1.5 A importância de uma dupla de ATP não pode ser medida simplesmente pelo número de baixas que ela impõe ao efetivo oponente, pois a percepção da sua presença causa forte dissuasão nas tropas inimigas e influenciam seu moral em combate, assim como suas ações e decisões.

2.1.6 Para que um ATP possa ser empregado, especial atenção deverá ser dada ao preparo físico, psicológico e técnico de cada militar. O aperfeiçoamento das técnicas básicas de combate, aliado a um alto grau de perfeição nas técnicas de tiro, deve ser uma constante para que possa ser assegurado o maior número de acertos com a mínima exposição e possibilidade de efeitos colaterais. Dessa forma, as OM que tenham por atribuição a utilização de ATP deverão prever a manutenção operacional periódica de seus atiradores de precisão, mantendo-os sempre em condições de serem empregados pelo escalão superior ou em prol da defesa da própria organização.

2.1.7 O preparo técnico deve se estender muito além da precisão do tiro, pois as técnicas, táticas e procedimentos (TTP) específicos deverão ser de total domínio de cada ATP. Esses militares deverão ter uma atitude acurada, pois não devem hesitar quando tiverem que agir, bem como deverão manter total controle emocional, antes, durante e após o combate.

2.1.8 Atiradores de elite são cabos e soldados, selecionados entre os melhores atiradores das OM que tenham por atribuição a Ação de Autodefesa de Superfície (ADS), ou outra definida pelo COMPREP. Treinados por um ATP para engajarem alvos a distâncias maiores que os demais militares utilizados na defesa. Utilizam fuzis padrões dos efetivos de ADS com acessórios que melhorem ou facilitem sua precisão, como lunetas e bipés. Em havendo disponibilidade, podem utilizar equipamentos mais específicos, como os empregados pelos ATP. Os atiradores de elite não realizam cursos específicos, mas sim um pacote de instruções definido pelo COMPREP, sob coordenação dos ATP da USEGDEF, para a obtenção da competência necessária ao cumprimento de suas tarefas em combate.



Figura 2 – Atirador de elite com o fuzil padrão da sua USEGDEF com luneta

2.2 ATRIBUIÇÕES DOS ATIRADORES TÁTICOS DE PRECISÃO

2.2.1 As atribuições dos ATP variam de acordo com a operação na qual são inseridos. Nos cenários contemporâneos, geralmente dão apoio às forças amigas com a neutralização de ameaças e coleta de informações na área a ser defendida ou no campo de batalha. As características da missão a ser cumprida definem a escolha do fuzil, luneta e munição, entre outros itens, bem como os adestramentos a serem realizados pelos ATP.

2.2.2 A fim de facilitar a preparação e o emprego, o tiro de precisão é dividido por categorias:

2.2.2.1 Categorias em relação ao alvo estabelecido:

- a) tiro de precisão antipessoal: quando o alvo é humano; e
- b) tiro de precisão antimaterial: quando o alvo é especificamente algum material, como aeronave, veículo ou equipamento.

2.2.2.2 Categorias em relação ao cenário estabelecido:

- a) tiro de crise na segurança ou de contra terror (C Trr); e
- b) tiro de conflito armado, também chamado de tiro de caçador.

2.2.3 Numa resolução de Cri Seg ou C Trr pode ser exigida uma precisão que permita uma imediata e completa neutralização de um ator hostil e, em caso de pequeno erro, pode trazer efeitos colaterais irreversíveis. Pode ser necessário um tiro único em condições desfavoráveis, onde o erro é inadmissível. Isso porque um tiro que não esteja dentro da perfeição poderá ocasionar a piora da situação crítica já existente. Busca-se a eficiência. Exemplo desse tiro é o caso de um ator hostil com uma arma na cabeça de um refém. Somente um tiro preciso levará a uma instantânea incapacitação sem permitir que o ator hostil aperte o gatilho de sua arma contra sua vítima. Em geral, esse tiro ocorre a distâncias menores que 300 metros. O cenário tende a ser urbano, ou no interior de edificações, com envolvimento de inocentes, assédio da imprensa, influência política e repercussão internacional. Por tais fatos, esse tiro somente é realizado mediante ordem de uma autoridade competente. Mas podem ocorrer situações de disparos a distâncias maiores e com menor exigência de precisão.

2.2.4 Em um cenário de conflito armado, em geral, é exigida uma precisão que cause a neutralização de uma ameaça. Um erro pode ser admitido, pois não tende a piorar a situação vigente. Busca-se a eficácia, pois tirar um elemento hostil de combate pode ser obtido ferindo-o de diversas formas. Em geral, esse tiro ocorre a distâncias muito acima de 300 metros e sem necessidade de ordem superior para cada disparo. O cenário, em geral, é um ambiente aberto ou áreas de difícil acesso e sem influência midiática ou política, pois o conflito pode já estar declarado. Mas também podem ocorrer situações onde haja a necessidade de disparos a distâncias menores e que exijam extrema precisão.



Figura 3 – ATP em busca de ameaças contra instalações de interesse do poder aeroespacial

2.3 PONTOS FORTES DO EMPREGO DE ATIRADORES TÁTICOS DE PRECISÃO

2.3.1 O ATP pode engajar alvos além do alcance efetivo de um fuzil de assalto padrão. Com a evolução dos fuzis para esses especialistas, o que inclui armas específicas que vão até o calibre de .50 polegadas, um atirador pode abater alvos com eficácia a distâncias maiores que 2.000 metros.

2.3.2 Um ATP é seletivo, podendo atuar de forma eficiente contra alvos entrincheirados ou posicionados entre pessoas e equipamentos os quais se deseja preservar a integridade. Desta forma, são ainda mais essenciais nas ações em áreas urbanas, onde exista larga presença de civis não-combatentes e muitos abrigos para elementos hostis que ameacem a integridade das tropas amigas. Em determinadas situações, o ATP pode evitar que uma fração de tropa de Segurança e Defesa (SEGDEF) tenha que realizar disparos de suas armas em áreas densamente povoadas, prevenindo efeitos colaterais indesejados, como ferimentos a não-combatentes e danos a bens privados.

2.3.3 Atiradores de Precisão podem ser empregados em todos os níveis do conflito, tanto na defensiva quanto na ofensiva. Isto inclui patrulhas de combate, emboscadas, operações contra ATP inimigos, bem como na atuação como elementos avançados de observação. Os ATP realizam a proteção dos flancos, atuam no cumprimento da missão de determinado efetivo e protegem à retaguarda nos casos de retraimento.

2.4 AMEAÇAS

2.4.1 As principais ameaças ao ATP são outros atiradores de precisão e tropas com cães. Os primeiros porque conhecem suas TTP, sabendo como rastrear e localizar sua posição. E as segundas pela dificuldade de enganar ou despistar o faro apurado dos cães.

2.4.2 Uma dupla de ATP se torna extremamente vulnerável contra tropas de maior efetivo que se encontrem muito próximas. Isso porque a vantagem de atirar a longa distância e sem ser localizado se torna inútil contra vários opositores que conseguem identificar sua posição e que possuem efetividade no uso de seus armamentos pela curta distância.

2.5 ORGANIZAÇÃO DOS ATIRADORES TÁTICOS DE PRECISÃO

2.5.1 TURMAS DE ATIRADORES

Os ATP atuam em duplas denominadas Turmas de Atiradores (TuAtdr). Cada TuAtdr é constituída por:

- a) um atirador de precisão (*sniper*); e
- b) um observador (*spotter*).

2.5.1.1 O atirador possui as seguintes responsabilidades:

- a) decidir sobre a melhor posição a ser ocupada para o tiro;
- b) planejar o itinerário de infiltração e exfiltração;
- c) localizar e identificar os alvos;
- d) calcular a correção do tiro, conforme as condições atmosféricas; e
- e) realizar o tiro.

2.5.1.2 O observador possui as seguintes responsabilidades:

- a) realizar a segurança do atirador;
- b) operar os sistemas de comunicação;
- c) auxiliar a localização e identificação dos alvos;
- d) avaliar as condições do cenário, como umidade, vento, distância do alvo, capacidade de reação hostil etc.;
- e) observar o impacto do tiro; e
- f) eliminar os vestígios deixados no local de cada tiro.



Figura 4 – Dupla ATP: atirador e observador

2.5.1.3 Tanto o atirador quanto o observador são ATP, podendo haver o revezamento nas funções de acordo com o período de emprego e característica da missão. O mais antigo é o comandante da Tu, sendo responsável pela dupla perante o escalão superior.

2.5.1.4 O sistema ATP a ser empregado deve ser definido de acordo com a missão a ser realizada. Uma análise preliminar deve ser feita pelo escalão superior para a definição do Sistema. O ATP escalado para cada missão deverá realizar a análise detalhada da mesma, bem como participar do seu planejamento, quando este estiver sendo realizado pelo escalão superior.

2.5.1.5 No contexto da ADS e das Operações de Garantia da Lei e da Ordem (Op GLO), neste último caso, atuando apoio à tropa de PA empregada no terreno, as TuAtdr, pela natureza de sua missão, são denominadas Turmas de Caçadores (TuCç).

2.5.2 EQUIPE DE ATIRADORES

2.5.2.1 A Equipe de Atiradores (EqAtdr) possui no mínimo duas duplas, as quais podem operar de forma coordenada ou isoladamente. O Comandante da EqAtdr será o militar mais antigo dentre os Comandantes das TuAtdr que integram a Equipe.

2.5.2.2 A EqAtdr, conforme o contexto de seu emprego, também pode ser denominada Equipe de Caçadores (EqCç).

2.6 O FUZIL DE PRECISÃO E A LUNETAS

2.6.1 Considera-se fuzil de precisão, o armamento semiautomático ou de repetição dotado da capacidade de efetuar uma série de disparos com precisão e alcance superiores aos fuzis comuns.

2.6.2 Para manter a precisão acima descrita, é desejável que o fuzil do ATP possua as seguintes características:

- a) cano flutuante (menor deformação com a vibração ao longo do tempo);
- b) sistema de bipé (para apoio);
- c) relação entre peso e precisão que compense seu emprego;
- d) coronha regulável em comprimento e altura; e

e) gatilho seguro, leve e regulável.

2.6.3 A luneta de precisão é um equipamento ótico que permite ao atirador mirar um objeto, com visualização aumentada e aproximada. Para o tiro de precisão, as que possuem o sistema “mildot” são consideradas as mais adequadas. Esse sistema proporciona ao ATP a correção do tiro de forma vertical e horizontal.

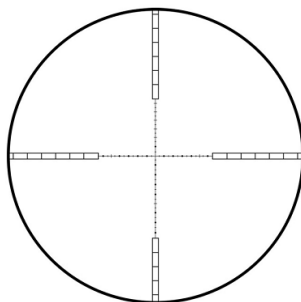


Figura 5: Retículo de luneta tipo “mildot”

2.6.4 Existem diversos modelos de lunetas, mas nem todas servem para a atividade do ATP. A luneta deverá suportar o recuo do fuzil em situações extremas e continuadas de uso sem perder a aferição, bem como condições adversas de meteorologia e de ambiente de emprego.

2.6.5 Existem muitos fuzis específicos para as atividades do tiro de precisão. Porém, a escolha depende da missão a ser realizada.

2.7 A MUNIÇÃO

2.7.1 A munição ideal é sempre aquela fabricada especificamente para o tiro de precisão, podendo ter especificidades complementares, como uma ponta com maior capacidade de penetração (perfurante) ou expansiva, por exemplo.

2.7.2 Nas missões de tiro de precisão antipessoal, o calibre mais usado é o 7,62mm padrão OTAN ou o .308 polegadas.

2.7.3 Nas missões de tiro de precisão antimaterial, geralmente usam-se calibres maiores, sendo o mais comum o .50 pol.

2.8 CONTROLADOR DE EQUIPES DE ATIRADORES

2.8.1 Quando houver o emprego de múltiplas EqAtdr em uma mesma operação, deverá ser designado um Controlador de EqAtdr (CtEqAtdr). O Controlador deverá ser Oficial com formação de ATP ou com profundo conhecimento sobre suas TTP. A ele ficarão subordinados os comandantes das respectivas EqAtdr.

2.8.2 Os deveres e responsabilidades do CtEqAtdr são os seguintes:

- a) assessorar o escalão superior sobre as capacidades, possibilidades e limitações no emprego de ATP;
- b) distribuir as ordens às EqAtdr;
- c) designar missões e o tipo de emprego;
- d) analisar o planejamento da missão, considerando a infiltração, a ação no objetivo e a exfiltração;

- e) conduzir o brifim e debriefim para o escalão superior, por ocasião do início e do término da missão;
- f) manter adestradas e equipadas as EqAtdr; e
- g) supervisionar o apoio logístico às EqAtdr, o que inclui a avaliação psicológica pós-ação.

2.8.3 No caso de uma EqAtdr isolada, operando subordinada a uma fração de tropa de Segurança e Defesa (SEGDEF) ou de Operações Especiais (Op Esp), caberá ao Comandante da EqAtdr assessorar o comandante da referida fração sobre as capacidades, limitações e possibilidades de emprego das TuAtdr.

2.9 TREINAMENTO E MANUTENÇÃO OPERACIONAL

2.9.1 A OM dotada da capacidade de emprego de ATP deve envidar esforços para que os seus ATP estejam em condições de pronto emprego, de forma a serem rapidamente colocados à disposição para cumprimento de missão acionada pelo escalão superior.

2.9.2 Todo ATP deve estar adestrado e seus armamentos e equipamentos separados no setor de material bélico da OM.

2.9.3 As lunetas deverão estar aferidas e somente o ATP deverá manusear seu armamento, inclusive para a limpeza e manutenção. Isso visa a evitar que a luneta perca sua harmonização em caso de manuseio inadequado por parte de outros militares.

2.9.4 A formação e manutenção operacional envolvem as seguintes matérias:

- a) fundamentos e técnicas em área urbana, rural e ambientes especiais;
- b) emprego do ATP, seleção e detecção de alvos;
- c) técnicas de tiro de longo alcance;
- d) técnicas de tiro em Cri Seg/C Trr e de caçador;
- e) técnicas de infiltração e camuflagem em diversos cenários; e
- f) exercício prático de planejamento, infiltração, tiro real e exfiltração em ambiente hostil simulado.

2.9.5 A quantidade de tiros para o adestramento, bem como sua frequência, será o preconizado no manual que trata sobre instrução de tiro terrestre no COMAER, bem como normatizações específicas do COMPREP.

2.9.6 A manutenção da capacidade de combate dos ATP deve ser avaliada, tendo sua competência validada para cada cenário e distância de emprego.

2.9.7 Cada ATP deverá registrar em sua caderneta específica os dados de cada tiro, condições climáticas e do cenário. Essa estatística individual, quando estudada e usada para a correção dos erros, leva ao conhecimento profundo sobre cada fator de interferência na precisão do tiro. Um bom ATP aprende a cada tiro realizado, o que solidifica o autoconhecimento e eleva sua capacidade de rápidos ajustes para a manutenção da precisão em qualquer cenário que se apresente.

3 EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE

Na Autodefesa de Superfície (ADS) deverão ser usados ATP e atiradores de elite, operando nas três camadas da Área de Responsabilidade (AR) da ADS: Área de Segurança, Área de Defesa Avançada e Área de Defesa Aproximada. Em todas essas áreas, os principais alvos dos ATP serão os elementos que ameacem imediatamente a tropa amiga, tendo por prioridade os comandantes de frações, os operadores de sistemas de comunicação e de armas, com especial atenção àqueles que utilizem armamentos coletivos, de grande poder de fogo ou outros que possam ser empregados contra os meios defendidos (radares e aeronaves, por exemplo), como os armamentos antimateriais.

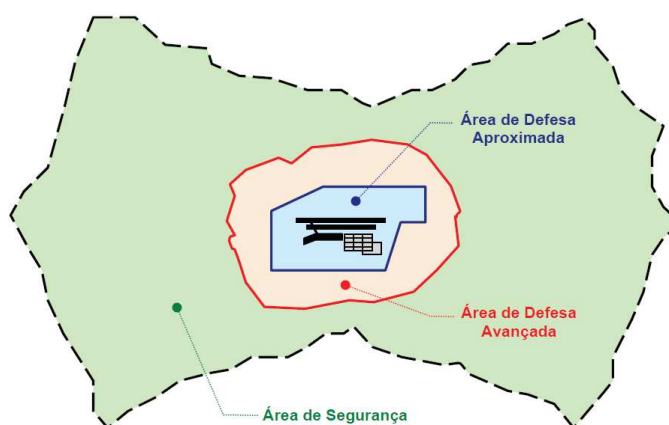


Figura 6: Área de Responsabilidade na ADS

3.1 EMPREGO DO ATP NA ÁREA DE SEGURANÇA

3.1.1 A segurança nessa área é realizada por meio de monitoramento executado por patrulhas, a pé ou motorizadas, meios de detecção em solo ou em voo e postos de vigilância.

3.1.2 Uma dupla de ATP, ou de atiradores de elite, pode atuar com proficiência em postos de vigilância, devido à sua camuflagem superior e suas TTP específicas, o que permite perdurar na ação por vários dias antes de serem substituídos. Os ATP podem manter vigilância sobre prováveis rotas de infiltração de Forças Irregulares (F Irreg) e de Forças de Operações Especiais (FOE).

3.1.3 Em uma patrulha de reconhecimento, a dupla de ATP pode atuar em apoio a uma fração de combate. Sua capacidade de se posicionar em pontos dominantes no terreno, bem como de observar a longas distâncias, permite uma consciência situacional mais eficiente à fração de tropa, bem como um poder de fogo considerável em casos de confronto.



Figura 7 – ATP observando possível rota de infiltração de F Irreg/FOE

3.1.4 Em casos em que haja um baixo número de militares com essa capacitação, o emprego das duplas ATP deve ser priorizado nas áreas de Defesa Avançada e Aproximada e, ainda, complementado por atiradores de elite orgânicos ou adjudicados de outras UInf.

3.2 EMPREGO DO ATP NA ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

3.2.1 Nesta área são realizadas ações para destruir ou retardar o inimigo. Para tanto, a tropa de Infantaria da Aeronáutica que está realizando a ADS divide a AR por suas frações disponíveis.

3.2.2 As duplas de ATP devem ficar na mesma linha ou ligeiramente à retaguarda das frações de combate, engajando alvos em apoio à missão de ADS. Em casos em que haja a necessidade, e devida coordenação, as duplas ATP poderão se posicionar à frente das frações de combate, desde que não estejam em nenhum setor de tiro amigo ou estejam protegidos destes pelo relevo. Deverão se posicionar em pontos dominantes no terreno, bem como em posições que permitam observar e engajar alvos em possíveis itinerários das FOE inimigas ou de F Irreg. Nesse caso, sua missão será abater alvos, defender determinado setor ou ponto, retardar o avanço inimigo e alertar a defesa sobre as manobras da força hostil que tentam flanquear as posições das frações de combate. Nesse tipo de posicionamento, as ações de comando e controle serão ainda mais importantes, a fim de evitar o fratricídio.

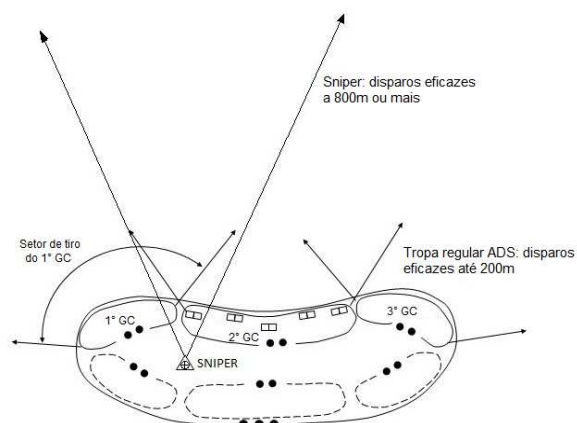


Figura 8 - Uso do ATP na Área de Defesa Avançada

3.3 EMPREGO DO ATP NA ÁREA DE DEFESA APROXIMADA

3.3.1 No caso de investida hostil chegar até a Área de Defesa Aproximada, o ideal é que a dupla ATP esteja no local dominante de onde possa bater toda a área a ser defendida, como por exemplo, uma caixa d'água ou uma torre de controle de tráfego, ou ainda algum edifício alto e com boa visada.

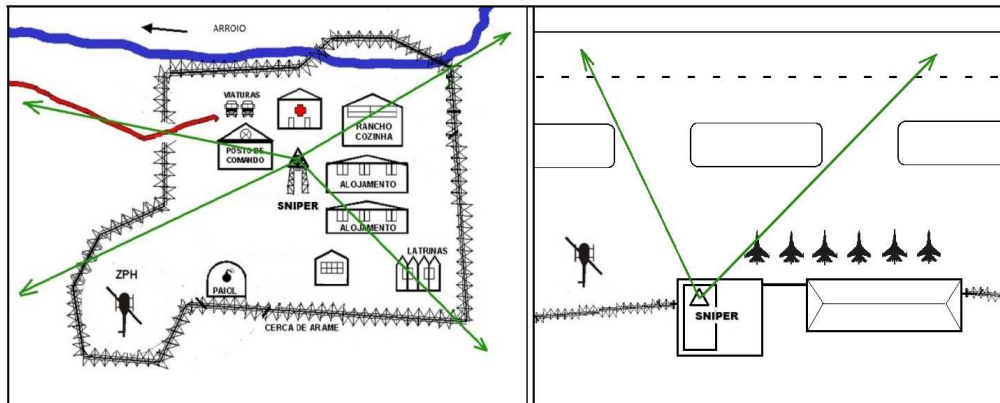


Figura 9 - Uso do ATP na Área de Defesa Aproximada



Figura 10 – Dupla de ATP em uma base aérea defendida

3.4 EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE POLÍCIA DA AERONÁUTICA

Nesta Ação de Força Aérea, a dupla ATP poderá ser utilizada principalmente para dar segurança a uma fração de tropa durante seu emprego, para a vigilância e, ainda, para obter dissuasão com sua presença, quando for o caso. Em geral, nas operações de Segurança e Defesa e nas de GLO, um tiro contra um alvo hostil deve ser realizado mediante ordem ou em legítima defesa, seguindo-se as regras de engajamento estabelecidas para a operação. Nesse último caso, o ATP é total responsável pela análise dos riscos de se efetuar um tiro em uma área urbana e com predominância de pessoas inocentes no cenário. De qualquer forma, o tiro deve visar à neutralização da ameaça com o menor dano possível, inclusive para o ator hostil.

3.5 EMPREGO DO ATP NO CONTROLE DE DISTÚRBIOS

3.5.1 O objetivo, neste tipo de missão, é principalmente fornecer as informações necessárias para o comandante da fração responsável pelo Controle de Distúrbios e para o coordenador de segurança da operação em questão, caso haja.

3.5.2 As maiores vantagens do uso de ATP nessas operações é a possibilidade de identificar elementos com coquetéis molotov, pirotécnicos, armas brancas e de fogo, ou ainda objetos diversos que possam ser lançados contra a tropa. Podem, ainda, identificar possíveis emboscadas e armadilhas preparadas contra a tropa de OCD e outras ameaças. A dupla ATP também pode auxiliar na identificação dos líderes da manifestação, insufladores e promovedores de atos hostis, a fim de orientar as equipes responsáveis pelas suas capturas.

3.5.3 O tiro somente será realizado em legítima defesa da tropa OCD ou de inocentes.

3.6 EMPREGO DO ATP NA SEGURANÇA DE AUTORIDADES

3.6.1 Na segurança e proteção de autoridades, o ATP pode atuar em ações contra franco-atiradores. Pode também ser empregado na prevenção, como no assessoramento ao chefe da segurança sobre qual a posição mais segura para a autoridade, ou seja, em que local a autoridade pode ser posicionada para dificultar as ações de um franco-atirador.

3.6.2 Outra possibilidade de emprego é a realização da cobertura da área do trajeto da autoridade, prestando o apoio de fogo de arma longa aos agentes de segurança. A vantagem, caso seja necessário atirar contra um ator hostil, é o fato do ATP poder fazê-lo com a mínima probabilidade de produzir efeitos colaterais às demais pessoas presentes no ambiente, ao contrário do que ocorreria com uma tropa convencional armada com fuzis de assalto.

3.6.3 O tiro somente será realizado em legítima defesa dos agentes, da autoridade ou de inocentes.

3.7 EMPREGO DO ATP EM CRISES NA SEGURANÇA

3.7.1 O ATP pode ser usado como opção tática por ocasião de um Gerenciamento de Crises, seja em situações que envolvam reféns ou suicidas. O disparo pode ser efetuado contra um ator hostil que ameace a vida de algum refém, ou ainda, somente para ferir ou contra algum objeto que um suicida use para ameaçar sua própria vida. Esse tipo de tiro, em geral, só é feito mediante ordem e após autorizado pela autoridade decisora do Gabinete de Gerenciamento de Crises. O uso do ATP nesses casos pode preceder, ou ser concomitante ao assalto tático, que é a entrada do efetivo de intervenção tática no ponto crítico para efetuar a neutralização ou prisão do causador da crise.



Figura 13 – Dupla ATP em uma Crise na Segurança

4 EMPREGO DO ATP NAS OPERAÇÕES ESPECIAIS (OP ESP)

4.1 EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE RECONHECIMENTO ESPECIAL

4.1.1 O ATP também capacitado para as Operações Especiais (ATP Op Esp) pode ser utilizado para as missões de Reconhecimento Especial (Rec Esp), devido à sua grande habilidade em se infiltrar em ambientes hostis, negados, ou politicamente sensíveis visando à obtenção ou verificação de dados/ informações de importância estratégica, operacional ou tática.

4.1.2 Neste aspecto, o ATP pode empregar os seus equipamentos óticos e optrônicos para obter e/ou confirmar informações sobre as forças oponentes, como:

- a) movimentação dos meios aéreos nos aeródromos;
- b) posicionamento dos meios do sistema de defesa antiaérea no terreno;
- c) efetivos, capacidades e atividades de ameaças reais ou potenciais;
- d) avaliação de danos após ataques aéreos amigos; e
- e) qualquer outra informação necessária ou oportuna possível de ser observada.

4.2 EMPREGO DO ATP NAS AÇÕES DIRETAS

4.2.1 Nas ações diretas, o emprego dos ATP destina-se à identificação e neutralização de ameaças ao efetivo, eliminação de alvos de interesse, neutralização de equipamentos sensíveis do inimigo, entre outras ações secundárias ou finalísticas da missão recebida pela fração de tropa de Op Esp.

4.2.2 Os ATP Op Esp poderão ser infiltrados com antecedência e realizar o reconhecimento de determinado ponto ou área e posterior segurança para a infiltração das tropas de Op Esp pelo local. Essa segurança é feita com a ocupação antecipada de pontos relevantes no terreno por aonde a fração Op Esp irá se infiltrar. Em geral, esses pontos são aqueles onde se obtém o domínio sobre os trechos passíveis de haver emboscadas inimigas.

4.2.3 Após a ação no objetivo, os ATP Op Esp poderão ficar para trás, a fim de retardar qualquer perseguição aos efetivos Op Esp durante a exfiltração. Após essa tarefa, os ATP Op Esp poderão se camuflar no terreno de maneira que sejam ultrapassados pelas tropas inimigas. Desta forma, poderão informar sobre as ações inimigas e avaliar o dano provocado pela Ação Direta. Após a redução do estado de alerta do inimigo, os ATP poderão realizar sua exfiltração com uma maior segurança.

4.3 EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE CONTRATERRORISMO

4.3.1 Nas missões de combate ao terrorismo, os ATP Op Esp, e outros ATP adjudicados à missão, atuam na contenção do ponto crítico e levantamento de informações, bem como configuram uma alternativa tática para a solução da crise.

4.3.2 Assim como na solução de uma Cri Seg, o uso do ATP pode preceder, ou ser concomitante ao assalto tático. Pela similaridade dos possíveis cenários, as ações do ATP nas ações contraterrorismo são semelhantes às do ATP numa crise de segurança.



Figura 14 – ATP em Ação de Contraterrorismo

5 EMPREGO DO ATP NA AÇÃO DE BUSCA E SALVAMENTO EM COMBATE (CSAR)

5.1 No cumprimento de uma missão CSAR, a função principal do ATP é de identificar e neutralizar ameaças contra os meios aéreos, contra os operadores SAR ou contra o evasor. para tanto, uma dupla Atp Op Esp que esteja operando na região poderá ser deslocada para a área de resgate para prover esse suporte.

5.2 Outra possibilidade, mais viável, é de um ou mais ATP descerem da aeronave, junto aos militares de resgate, para prover a segurança no terreno.

6 DISPOSIÇÕES FINAIS

6.1 Os casos não previstos neste manual deverão ser submetidos à apreciação do Comandante de Preparo.

6.2 Propostas para aperfeiçoamento da presente publicação deverão ser encaminhadas à subchefia de segurança e defesa do COMPREP.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. **DCA 1-1: Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira - Volume II.** [Brasília], 2020.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. **MCA 125-17: Manual de Autodefesa de Superfície.** [Brasília], 2020.

EUA. Department of the Army. **OFFICIAL United States Army Field Manual 23-10 (Sniper Training).** [Arlington], 2014.

EUA. Department of the Navy. **U.S. Navy Seal Sniper Training Program.** [Arlington], 2011

EUA. Department of the Navy. **FMFM 1-3B: Sniping**[Quantico], 1984.

BRASIL. Comando do Exército. **C 100-5: Operações.** [Brasília], 1997.